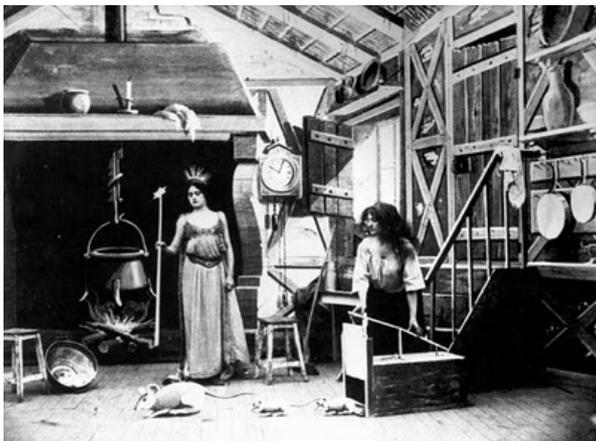


O cinema no feminino

O Gabinete de Leitura diversifica seu acervo com filmes que centram seu foco na questão feminina e, na celebração do Dia Internacional da Mulher, disponibiliza:

- 11 filmes voltados à temática feminina,
- Sugere leituras extraídas da coleção da Biblioteca Educador EF 2 e 3, que abordam aspectos da vida das mulheres, seus desafios, suas lutas individuais e coletivas, esperando que gerem as mais variadas reflexões,
- Apresenta as suas novas aquisições.

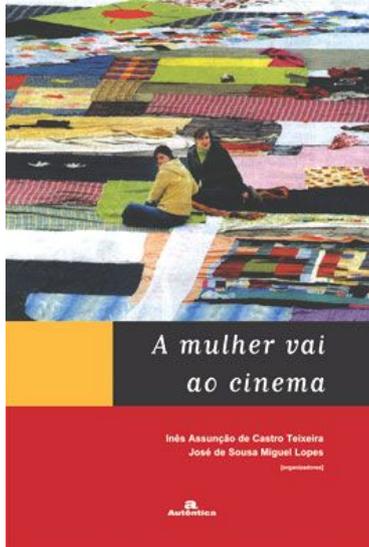
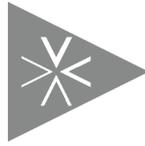
Os filmes selecionados procuram representar uma cinematografia de qualidade, destacada daquela que tem fins exclusivamente comerciais. Entre eles estão clássicos como *Hannah e suas irmãs*, de Woody Allen; *Persona*, de Ingmar Bergman; *A história oficial*, de Luis Puenzo, entre tantos outros que marcaram a história do cinema nas últimas décadas.



O feminino chegou às telas do cinema em 1899, ano em que o francês Georges Méliès filmou *Cinderella*, em 20 cenas, com a imagem da mulher que simboliza o argumento – amor como ascensão social – a doce, boa e servil donzela à espera de seu príncipe encantado. Por muitos anos, as mulheres foram vistas e representadas no cinema dessa forma.

Clique aqui para assistir *Cinderella*, de G. Méliès (1899)

A revolução sexual dos anos 1960 e a oficialização do decreto do Dia Internacional da Mulher em 1975 (em homenagem às mulheres mortas na manifestação de 1857, na fábrica de tecidos de Nova York) incentivaram novas abordagens, e filmes memoráveis foram realizados mostrando a mulher em suas diversas fases e possibilidades. Inúmeras produções se voltaram à temática feminina, apresentando tanto mulheres reais, como, por exemplo, as mães da Praça de Maio, de ***Uma história oficial***, ou a trajetória da artista e ativista Frida Khalo, em ***Frida***, como também mulheres criadas pela inventividade, sensibilidade e talento de diretores e diretoras de películas, como Hannah, de ***Hannah e suas irmãs***; Layale, de ***Caramelo*** e outras protagonistas.



Para ampliar nosso horizonte a respeito de filmes que abordam aspectos da vida das mulheres, o Gabinete de Leitura adquiriu a publicação *A mulher vai ao cinema*, de Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes, no qual são apresentadas análises de vários filmes que mostram exemplos de mulheres dignas de serem lembradas e homenageadas em um dia como este, publicação que também destaca o cinema como expressão da cultura e como um instrumento político e pedagógico.

1. Relação dos filmes que passam a fazer parte do acervo do Gabinete de Leitura

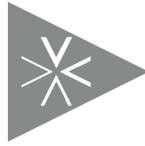


Frida (2002) - Dirigido por Julie Taymor, com produção conjunta do Canadá, Estados Unidos e México, conta a história da artista de grande talento Frida Kahlo, que foi uma ativista do movimento feminista e teve uma vida de contestação política. Bissexual assumida, teve vários escândalos amorosos e um romance conturbado com o também artista Diego Rivera. 123 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=833>

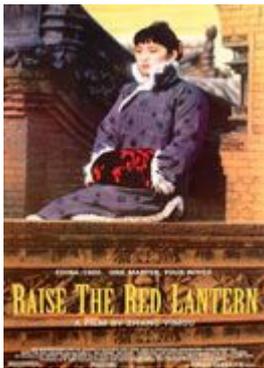


Feminices (2005) - Filme brasileiro baseado na peça *Confissões das Mulheres de 40*, de Clarice Niskier, e dirigido por Domingos de Oliveira, acompanha uma tarde na vida de quatro atrizes na faixa dos 40, que se unem para redigir uma peça teatral. O título *Confissões das Mulheres de 40* desperta desconfiança no diretor da peça. O embate é permeado por preocupações com os maridos, filhos, envelhecimento, casamento, sexo, trabalho, frustrações e amizades. Os homens também foram lembrados, à medida que trechos de entrevistas com Ricardo Kosovski (ator), Aderbal Freire Filho (diretor de teatro), Luis Alberto Py



(psicanalista), Eduardo Wotzik (diretor de teatro) e José Bechara (artista plástico) foram enxertados. 72 minutos.

<http://www.adorocinema.com/filmes/feminices/#ficha-tecnica>



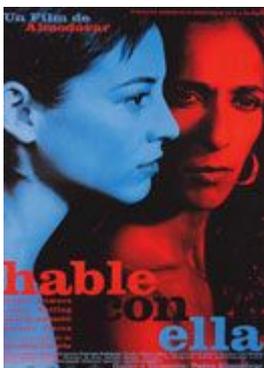
Lanternas vermelhas (1991) – Filme chinês, dirigido por Zhang Ymou, conta a história de Songlian, uma estudante universitária chinesa que tem que abandonar os estudos para se casar com o patriarca do clã dos Chen. O marido, porém, já tem três outras esposas, e a disputa para ser a preferida é travada de forma dura entre elas. 125 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=752>

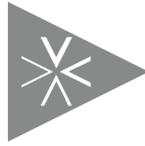


As horas (2002) - Em 1929, Virginia Woolf (Nicole Kidman) está começando a escrever seu livro, *Mrs. Dalloway*, sob os cuidados de seus médicos e familiares. Em 1951, Laura Brown (Julianne Moore) está preparando algo para o aniversário de seu marido e está lendo o livro escrito por Virginia, o mesmo *Mrs. Dalloway*. Em 2001, Clarissa Vaughn (Meryl Streep) está preparando uma festa para seu melhor amigo, um famoso autor que está morrendo de AIDS. Sendo tomadas em apenas um dia, as três histórias estão interligadas com o livro: uma personagem está escrevendo-o, outra está lendo, e outra está vivendo a história, respectivamente. Produção norte-americana, dirigida por Stephen Daldry, com roteiro de Michael Cunningham. 114 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=347>



Fale com ela (2002) – Dirigido pelo cineasta espanhol Pedro Almodóvar, o filme apresenta dois desconhecidos que se tornam amigos em decorrência do destino. Enquanto esperam as mulheres por quem são apaixonados, – Alicia e Lydia –, saírem do estado de coma, surge entre eles uma afinidade muito grande. Benigno possui uma espécie de amor platônico por Alicia, pois apaixonou-se antes do acidente dela, sem ter tido tempo de ser correspondido. Marco, em contrapartida, após o acidente, não consegue definir muito bem seus sentimentos em relação à Lydia e tem dificuldades de lidar com ela na cama do hospital. Ambos só podem fazer uma coisa enquanto esperam...



<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=273>



Um dia muito especial (2005) – Produção da França/Irã/Tadjiquistão e direção do iraniano Mohsen Makhmalbaf. No seu aniversário de quarenta anos, Jan resolve mudar completamente sua vida. Liga para as suas quatro amantes e marca um encontro em sua escola de dança. As mulheres ficam chocadas quando descobrem que dividem os sentimentos do mesmo homem. Ele tenta explicar: diz que percebeu que o tempo é limitado para cada uma delas. Mais tarde, uma de suas amantes combina um encontro em sua casa, e ele descobre que o feitiço virou contra o feiticeiro. 105 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=3363>



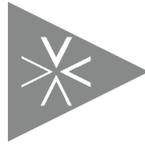
A história oficial (1985) – Na Buenos Aires dos anos 1980, Alicia e seu marido Roberto vivem tranquilamente com Gaby, sua filha adotiva. Porém, após o reencontro com uma velha amiga recém-chegada do exílio, Alicia começa a tomar conhecimento da cruel realidade do regime militar argentino, passando a questionar todas as suas certezas e o que considerava como verdade. Uma realidade para a qual Alicia não estava preparada, mas que agora terá de enfrentar com todas as suas consequências. Produção da Argentina, dirigida por Luis Puenzo. 112 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=2742>



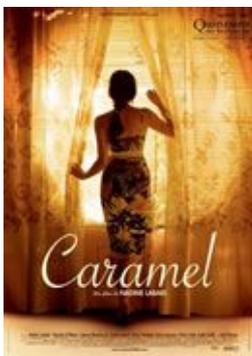
Hannah e suas irmãs (1985) – A filha mais velha de um casal de artistas, Hannah, é uma dedicada esposa, mãe carinhosa e atriz de sucesso. Uma leal defensora de suas duas confusas irmãs Lee e Holly, ela é também a espinha dorsal de uma família que parece se ressentir de sua estabilidade quase tanto quanto dependem da mesma. Mas quando o mundo perfeito de Hannah é silenciosamente sabotado pela rivalidade fraterna, ela finalmente começa a ver que está tão perdida quanto todos os outros, e, para poder se encontrar, ela terá que escolher entre a independência e... a família sem a qual ela não pode viver. Produção norte-americana, dirigida por Woody Allen. 103 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1066>



Persona (1966) – Um dos filmes mais cultuados de Ingmar Bergman, conta a história de uma atriz em crise e uma enfermeira psiquiátrica que começam a inverter os papéis, após um tempo de convivência. Uma perturbadora investigação psicológica que rende a Bibi Andersson e Liv Ullmann interpretações memoráveis. Produção sueca. 82 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=807>



Caramelo (2007) – Em Beirute, no salão de beleza Sibelle, cinco mulheres se encontram regularmente. Layale é amante de um homem casado e espera que um dia ele deixe a mulher. Nisrine é muçulmana e vai se casar, só que não é mais virgem e não sabe como contar ao noivo. Rima sente atração por mulheres. Jamale não quer envelhecer. Rose abdicou de sua vida para cuidar da irmã mais velha. Nesse salão, entre cortes de cabelo e depilação à base de caramelo (receita oriental tradicional: açúcar, limão e água), homens, amor, sexo, casamento, maternidade e amadurecimento estão no centro de suas conversas mais íntimas. Produção do Líbano e França, dirigida por Nadine Labaki, que é também a atriz principal. 95 minutos.

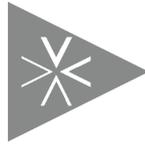
<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=6803>



Foi apenas um sonho (2008) – Frank e April sempre se consideraram especiais, diferentes, prontos e dispostos a levar uma vida baseada em altos ideais. Assim, quando se mudam para o novo lar na Revolutionary Road, eles orgulhosamente declaram sua independência da inércia do subúrbio que os envolve e prometem jamais ficarem presos aos limites sociais de sua época. Mas, mesmo com todo o seu charme, beleza e irreverência, eles se veem tornar exatamente o que não esperavam: um bom homem preso num trabalho de rotina e uma insatisfeita dona de casa, sedenta por realização e paixão – uma família americana com sonhos perdidos, como outra qualquer. Produção realizada pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos, dirigida por Sam Mendes. 119 minutos.

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=4485>

2. Sugestões de leitura relacionadas à temática feminina



LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: UNESP, 2003. 504 p., il.

A autora percorre a história de vida e de leitura de um grupo de escritoras brasileiras nascidas entre 1843 e 1916. A literatura feminina e autobiográfica dessas mulheres é a base para identificar os seus percursos. Conquistar o direito à alfabetização, escolarização, profissionalização e participação na vida pública foi uma dura batalha para a mulher. Para conhecer a fundo esse universo, este livro se debruça sobre doze depoimentos produzidos por escritoras nascidas entre 1843 e 1916, vivendo em várias regiões do Brasil e com diferentes experiências socioculturais, como Carolina Nabuco, Maria José Dupré e Zélia Gattai, entre outras. A história da constituição dessas e de outras mulheres, como leitoras e produtoras de textos, é constituída pela autora, que investiga as numerosas dificuldades que elas enfrentaram para construir o seu repertório cultural e para escrever a própria trajetória. O livro enfoca a literatura feminina e autobiográfica para identificar o percurso dessas mulheres. Graças aos retratos de vida e de leitura de cada memorialista investigada, a obra reconstitui as condições, situações, pessoas e contextos que influenciaram a formação das leitoras nos espaços intra e extradomésticos.

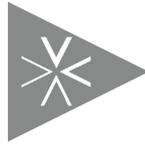
BARNES, Virginia Lee; BODDY, Janice. **Aman**: a comovente história de uma garota da Somália. São Paulo: Best Seller, 1994. 288 p.

Aman apresenta a história de uma garota da Somália, nascida em uma pequena aldeia. Dividida entre os valores tradicionais e uma necessidade de rebeldia, a jovem Aman transpõe os limites tribais, revelando, ao mesmo tempo, toda a sua coragem e fragilidade. Narrado em primeira pessoa, *Aman* discute os rígidos costumes de uma tribo somali – a circuncisão feminina, o casamento arranjado, a obediência – e nos oferece uma visão privilegiada do mundo, pelos olhos do ser mais vulnerável da Somália: a criança do sexo feminino.

XINRAN. **As boas mulheres da China**: vozes ocultas. Traduzido por Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 282 p.

Os relatos que aparecem no livro foram coletados pela autora, a jornalista Xinran, no período em que apresentou o programa de rádio "Palavras na brisa noturna", entre 1989 e 1997. Ela entrevistou e recebeu cartas de mulheres de diferentes locais, idades e condições sociais. Dessa forma, numa tentativa de compreender a condição feminina na China moderna, a autora faz com que vozes silenciadas revelem provações, medos e principalmente esperanças e desejos escondidos nessas vidas secretas.

PRADO, Antonio Carlos. **Cela forte mulher**. São Paulo: Labortexto, 2003. 192 p., il.



O livro é resultado de 7 anos de convivência do autor no sistema penitenciário feminino do Estado de São Paulo. *Cela forte mulher* é a expressão de incentivo usada por presidiárias quando estão precisando aumentar a autoestima. Ao tocar o projeto de montar e dirigir um jornal dentro do sistema carcerário feminino, o autor se tornou confiável e confidente para as presas. Estas pediram que ele escrevesse o livro, deram opiniões na edição de texto e fotos e chegaram a escrever capítulos a quatro mãos, junto com o autor. Com um olhar sensível, apaixonado é narrada a vida de criminosas, mas, antes de tudo, de mulheres. Personagens complexas, paradoxais, fascinantes, humanas.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Traduzido por Waldéa Pereira Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 128 p. (Arco do tempo).

Depois do clássico *Mulheres que correm com lobos*, a poetisa e psicanalista americana Clarissa Pinkola Estés oferece um texto sobre a grandeza e a sabedoria da terceira idade. *A ciranda das mulheres sábias* reverencia a maturidade feminina, em linguagem metafórica, como nas antigas histórias passadas de mães para filhas.

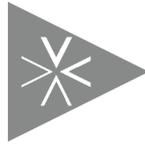
Conteúdo: Resentação simbólica das avós, das matriarcas da mitologia ou dos contos de fadas. Clarissa destaca, ainda, avós anônimas, de suas vivências profissionais, até chegar às avós de suas tradições familiares.

JUNG CHANG. **Cisnes selvagens**: três filhas da China. Traduzido por Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 485 p.

Dos costumes ancestrais às violentas reviravoltas do comunismo, a China passou, em algumas décadas, por uma das mais radicais e amplas transformações já vistas na história da humanidade. Mergulhando nas memórias familiares de três gerações de mulheres, *Cisnes selvagens* é o relato verdadeiro, com todos os acentos do drama épico, de uma família que tenta preservar a própria humanidade em meio à vertigem e ao horror da trajetória da China no século XX.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 180 p. (Meios de comunicação social, 6).

Defensora de causas sociais, paladina poética contra injustiças e desigualdade, Ecléa Bosi em seu livro "Cultura de massa e cultura de popular: leituras de operárias" pesquisa as leituras de cerca de 50 operárias, procurando ver que acesso têm ao imaginário, aos livros, quais as suas condições de vida, como a sociedade industrial as privam da criação artística e literária, apesar de sua sede de conhecimento e de expressão.



COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002. 752 p.

Importante registro histórico-literário brasileiro, este livro traça a trajetória de mais de 1400 escritoras em três séculos de literatura brasileira, dentre elas, Tereza Margarida da Silva e Orta, passando pelas pioneiras do século XIX e chegando aos nossos dias, incluindo desde as consagradas como Adélia Prado, Hilda Hirst, Lygia Fagundes, entre muitas outras escritoras.

MAI, Mukhtar; CUNY, Marie-Thérèse. **Desonrada**: depoimento. Traduzido por Clóvis Marques. 4. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007. 156 p.

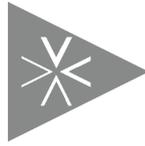
História verídica narrada com riqueza de detalhes. Neste relato chocante, Mukhtar Mai expõe a barbárie do sistema de castas no Paquistão, do qual foi vítima. Com isso, mostra o poder surpreendente da filha analfabeta de um humilde queijeiro paquistanês que teve coragem de desafiar séculos de tradição e lutar por justiça. Uma história a um só tempo brutal e inspiradora. *Desonrada* é o símbolo mais poderoso surgido nos últimos anos da luta das mulheres contra toda forma de violência.

XINRAN. **Enterro celestial**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 160 p.

A autora constrói a narrativa de forma quase jornalística, o que torna a leitura agradável e muito fluida. Ela se encantou por esta espantosa história de vida, no período em que apresentava o programa de rádio *Palavras na Brisa Noturna* e coletava relatos sobre as duras condições de vida das mulheres na China contemporânea. Numa das edições do programa, Xinran conheceu pessoalmente Shu Wen. O seu casamento com o jovem médico Kejun durou menos de cem dias. O rapaz, influenciado pelo entusiasmo que tomou conta da China nos anos subsequentes à revolução de 1949, alistou-se no Exército e logo foi enviado ao Tibet, com as tropas que auxiliariam o governo chinês a "libertar" o povo da região. Dois meses depois, no quartel-general da cidade, Shu Wen recebeu a notícia de sua morte. Insatisfeita com os relatórios e as explicações oficiais, partiu para o Tibet em busca de Kejun, numa viagem que levaria mais de três décadas. Lá, além de encontrar um sentido para a morte do marido, ela viveu uma experiência singular de autoconhecimento e aprendizado de hábitos culturais diferentes.

OUFKIR, Malika; FITOUSSI, Michèle. **Eu, Malika Oufkir, prisioneira do rei**. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 364 p.

A marroquina Malika Oufkir foi adotada aos cinco anos pelo rei Mohammed V e criada como princesa. Depois que seu pai verdadeiro, general de exército, fracassa numa tentativa de golpe de Estado, ela, a mãe e seis irmãos são encarcerados no deserto. Este é o relato dos vinte anos de prisão.



WEINER, Gaby. **Los feminismos en la educación**. Traduzido por Pablo Manzano Bernárdez. Sevilla: Publicaciones M.C.E.P., 1999. 188 p. (Ideologia, pensamiento y educación).

Este livro apresenta um panorama do desenvolvimento mais recente do pensamento e da prática educativa feminista na Grã Bretanha, revisando os problemas éticos e profissionais que enfrentam na atualidade as professoras e educadoras feministas. Seu objetivo principal consiste em estabelecer as questões relativas ao gênero, ao currículo, à pedagogia e à prática.

SHAH, Saira. **A filha do contador de histórias**: uma jornada aos confins do Afeganistão. Traduzido por Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 292 p.

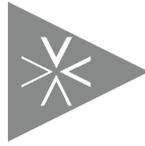
Durante toda a infância, passada em Londres, Saira Shah ouviu atenta as histórias que o pai lhe contava sobre sua pátria perdida: o Afeganistão. Já adulta, convertida em repórter de TV e irremediavelmente atraída para aquele canto perdido da Ásia Central, Saira viu de tudo: a expulsão dos soviéticos, o nascimento do Talibã, a invasão anglo-americana, a miséria e a opulência afegã. E, nesse misto de reportagem e memória, ela procura reconstituir sua identidade afegã.

DIRIE, Waris; MILLER, Cathleen. **Flor do deserto**. Traduzido por Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2001. 246 p.

Este livro é um emocionante relato de Waris Dirie, modelo de projeção internacional e atualmente embaixadora especial da ONU na luta pela erradicação da mutilação genital feminina. Nascida numa família nômade no deserto da Somália, foi mutilada, como muitas outras de sua tribo. Fugindo de um casamento não desejado, atravessa a pé o deserto africano até chegar à capital, Mogadíscio, e daí para Londres. De empregada doméstica ao mundo das passarelas, a trajetória de Waris poderia ser a mesma de tantas outras modelos, não fosse a causa que passou a representar.

DALBY, Liza. **Gueixa**. Traduzido por S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 358 p., il.

Na década de 1970, Liza Dalby, uma típica estudante norte-americana de antropologia, apaixonou-se pela cultura japonesa e resolveu dedicar-se ao estudo das gueixas. O que inicialmente seria um trabalho de campo para uma tese acadêmica, acabou por se tornar uma radical e surpreendente experiência de vida. Liza foi a primeira mulher ocidental treinada para ser gueixa. Com o nome de Ichigiku a autora entrou para um clã de gueixas em Quioto, e embarcou numa longa jornada em que pôde vivenciar os hábitos, a arte e a posição social dessas mulheres no Japão moderno. O livro *Gueixa* relata sua experiência e desvenda a realidade por trás desse misterioso mito.



CAMPAGNA, Viviane Namur. **A identidade feminina no início da adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 148 p., il.

A partir das posições teóricas que percebem a adolescência como uma fase de lutos e reorganização da identidade e das discussões atuais sobre a antecipação da puberdade feminina e a influência da mídia na idealização do corpo feminino, a autora traz sua contribuição para a compreensão do início da adolescência na mulher. Com base em uma pesquisa realizada com jovens de 12 anos por meio de entrevistas e técnicas projetivas como o Desenho da Figura Humana e o Teste de Rorschach, discute a organização da identidade feminina nesse importante momento do desenvolvimento, sob a perspectiva psicodinâmica.

ALI, Ayaan Hirsi. **Infiel**: a história de uma mulher que desafiou o islã. Traduzido por Luiz Antonio de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 496 p., il.

Em *Infiel*, autobiografia precoce, Ayaan, aos 37 anos, narra a trajetória de sua vida, desde a infância tradicional muçulmana na Somália até o exílio na Holanda. É uma vida de horrores, marcada pela circuncisão feminina aos cinco anos de idade e outras violências. É também uma vida de exílios, pois seu pai era um importante opositor da ditadura somali: a família fugiu para a Arábia Saudita, depois para a Etiópia, e finalmente se fixou no Quênia. Obrigada a frequentar escolas em muitas línguas diferentes e conviver com costumes que iam do rigor muçulmano da Arábia à mistura cultural do Quênia, a adolescente Ayaan chegou a aderir ao fundamentalismo islâmico como forma de manter sua identidade. Mas a guerra fratricida entre os clãs da Somália e a perspectiva de ser obrigada a se casar com um desconhecido escolhido por seu pai mudaram sua vida, e ela acabou fugindo e se exilando na Holanda. Ela então passa a adotar uma visão cada vez mais crítica do islamismo ortodoxo, concentrando-se especialmente na situação de opressão e violência contra a mulher na sociedade muçulmana.

DALBY, Liza. **A lenda de Murasaki**. Traduzido por Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 450 p.

Obra instigante, em tom de memória ficcional. Conta a vida de Murasaki Shikibu, a jovem japonesa que, no século XI, escreveu *A Lenda de Genji*, o primeiro romance da literatura mundial. Singelo trabalho de arqueologia literária da escritora e antropóloga Liza Dalby, que une a narrativa biográfica à magia lírica das "estórias" de Murasaki.

NAFISI, Azar. **Lendo Lolita em Teerã**: uma memória nos livros. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2004. 504 p.

Experiência de Azar Nafisi, uma professora de literatura inglesa, radicada atualmente nos Estados Unidos, que desafiou o cerceamento da teocracia iraquiana e adeptos do



fundamentalismo islâmico ao reunir um pequeno grupo de alunas em sua casa para ler e discutir obras como: *Lolita*, de Nabokov, e outros clássicos ocidentais.

SEIERSTAD, Åsne. **O livreiro de Cabul**. Traduzido por Grete Skevik. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 316 p.

Por ter vivido três meses com uma família afegã, em 2002, logo após a queda do regime talibã, a jornalista norueguesa Åsne Seierstad pôde produzir esta narrativa que mostra aspectos do país que poucos estrangeiros testemunhariam. Como ocidental, mulher e hóspede de Sultan Khan, um livreiro de Cabul obteve o privilégio de transitar entre o universo feminino e masculino de uma sociedade islâmica fundamentalista, e nos apresenta uma coleção de personagens que reflete as contradições do Afeganistão, como a pobreza e as limitações impostas às mulheres e aos jovens do país.

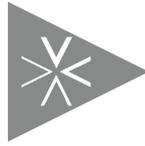
SILVEIRA, Maria José. **A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas**. São Paulo: Globo, 2002. 368 p.

O romance mostra a história de uma linhagem de mulheres ao longo dos 500 anos da história do Brasil. Começa com o nascimento de Inaiá, uma índia tupiniquim, em 22 de abril de 1500, e acompanha sua descendência até o ano 2001. Ao todo, são 20 mulheres que vivem em épocas e contextos históricos diferentes, passando também por várias regiões do país. Ao contar suas vidas, o romance traça o processo de mestiçagem de uma das possíveis genealogias de brasileiros e, ao mesmo tempo, compõe um painel dos principais momentos da formação do país.

GOLDEN, Arthur. **Memórias de uma gueixa**. Traduzido por Lya Luft. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 462 p.

Memórias de uma Gueixa, romance de estreia de Arthur Golden, narra as confissões de uma das gueixas mais renomadas do Japão. Com uma voz ao mesmo tempo assombrosa e absolutamente direta, a já idosa Nitta Sayuri nos conta as histórias de sua vida de gueixa. Conduzidos por essa voz, nós entramos num mundo onde o que mais conta são as aparências, onde pode-se leiloar a virgindade de uma criança, onde as mulheres são treinadas para enfeitiçar os homens mais poderosos e onde o amor é desprezado como uma ilusão. Seu relato tem início numa vila pobre de pescadores, em 1929, onde a menina de nove anos é tirada de casa e vendida como escrava.

GARCIA-ROZA, Livia. **Milamor**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 208 p.



Amor na idade madura é um tema delicado e ainda pouco explorado na literatura brasileira. Livia Garcia-Roza vem preencher essa lacuna ao nos trazer a história de Maria, uma mulher com quase 60 anos que, depois de um casamento fracassado e outro interrompido, percebe-se solitária. Além disso, é tratada por sua filha como uma velha incapaz de tomar as rédeas da própria vida. Para escapar do tédio e à solidão, conversa com suas samambaias e relembra momentos do passado, quando subitamente é atingida por uma paixão.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Traduzido por Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007. 192 p.

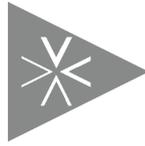
Minha história das mulheres é a obra mais acessível e instigante da historiadora Michelle Perrot. Nasceu de um programa de rádio francês que fez enorme sucesso ao divulgar com clareza e entusiasmo, para um público de não especialistas, o conteúdo premiado de mais de 30 anos de pesquisas e reflexões acadêmicas. Transformado em livro, narra, em cinco capítulos, o processo da crescente visibilidade das mulheres em seus combates e suas conquistas nos espaços público e privado. Mães e feiticeiras, trabalhadoras e artistas, prostitutas e professoras, feministas e donas d -casa e muitas outras personagens femininas fazem parte desse relato sensível e atual de uma das pesquisadoras mais conceituadas da história das mulheres.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Traduzido por William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006. 448 p.

Através de uma viagem pela história, pela literatura e pela mitologia, *Mulheres, mitos e deusas* revela as diferentes faces da identidade feminina. Deusas, fadas, sábias, rainhas, santas, artistas e demais mulheres compõem o rico universo deste livro minucioso e comovente. Ao tomar contato com a história e os dilemas vividos por Eva, Hera, Cleópatra, Cinderela, Catarina de Médici, Teresa de Ávila e Simone de Beauvoir, dentre tantas outras, passamos a conhecer não apenas a marginalização dos valores primordiais femininos, mas sua resistência frente às imposições da moral patriarcal. Um texto que conduz o leitor por um caminho de redescobertas, apontando para o resgate da feminilidade.

KLEIN, Shelley. **As mulheres mais perversas da história**. Traduzido por Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004. 280 p., il.

A escritora procura desvendar outro lado das personagens femininas, o perverso. O livro conta detalhes da vida de quinze mulheres cujos crimes despertaram um horror maior que seus congêneres masculinos. Parricídio, fratricídio e o infanticídio – o mais terrível de todos os crimes. Assassinatos cometidos pelas responsáveis das vítimas, assassinatos seriais, traição, tortura, perseguição, mortes motivadas por sexo ou pela necessidade de obter vantagens são alguns dos fragmentos do estudo de mulheres em dois mil anos. O livro apresenta perfis e o destino de mulheres que se tornaram famosas pela sua maldade ou por terem escapado da Justiça.



LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 156 p.

Num misto de ensaio e memórias, em *Perdas e ganhos* Lya Luft busca dar um testemunho pessoal sobre a experiência do amadurecimento. Convoca o leitor para ser seu amigo imaginário: cúmplice e companheiro de reflexões que vão da infância à solidão e à morte, ao valor da vida e à transcendência de tudo. Lya divaga, discute e versa, com ímpeto e muitas vezes bom humor, sobre velhice, amor, infância, educação, família, liberdade, homens e mulheres, gente de verdade... E conclui que o tempo passa, mas as emoções humanas não mudam, revelando que é preciso reaprender o que é ser feliz.

LEAL, Sylvia; PROTASIO, Regina. **Pessoal e intransferível**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 240 p.

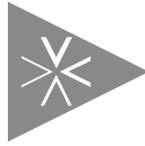
"Pessoal e intransferível" traz o relato de vida e as reflexões de mulheres marcantes e maduras. Livro ideal para quem gosta de refletir sobre o valor da vida, sobre a passagem do tempo como crescimento e não como degeneração.

DICKINSON, Amy. **As poderosas rainhas**: um romance sobre a solidariedade feminina. Traduzido por Eliana Rocha. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009. 208 p.

Com uma filha pequena para cuidar e abandonada pelo marido, Amy deixa sua casa em Londres para retornar a Freeville, pequeno vilarejo norte-americano onde cresceu, morada de sua família por mais de duzentos anos. É nesse cenário rico em memórias que ela constata: a maioria de seu clã se compõe de mulheres sós. À medida que relembra a árdua trajetória da mãe e acompanha o crescimento da filha, Amy se descobre como parte de uma estirpe de mulheres aguerridas. Mulheres que erram e aprendem, que caem e se levantam, mas jamais se dão por vencidas. Nesse relato confessional, ao mesmo tempo em que reconstitui seu longo caminho entre o fim do casamento e a redentora "volta por cima", a escritora Amy Dickinson presta um tributo à solidariedade feminina.

SASSON, Jean P. **Princesa**: a história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus. Traduzido por Regina Amarante. 34. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005. 248 p.

Casamento forçado, mutilações e violências sexuais, execução pública por apredejamento ou confinamento pela família, censura, proibição de dirigir, de viajar ou mostrar o rosto – estas são apenas algumas formas de opressão com que mulheres muçulmanas ainda são tiranizadas no Oriente Médio. Num depoimento contundente, uma autêntica princesa da Casa Real Saudita revela, sob risco de vida, a condição feminina no mundo árabe.



MERNISSI, Fátima. **Sonhos de transgressão**: minha vida de menina num harém. Traduzido por Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 280 p.

Marrocos, década de 1940: um país dividido entre práticas ancestrais e hábitos europeus revolucionários. Nesse contexto, entre os muros altos de um harém, uma menina marroquina inicia lentamente seu aprendizado da vida, das fronteiras que dividem o sagrado do profano, o masculino do feminino. Misturando fábula e documento à maneira de uma Sherazade moderna, Fatima Mernissi, uma das grandes escritoras do mundo árabe e também uma das mais ardentes defensoras dos direitos da mulher muçulmana, oferece neste livro uma visão nova, envolvente e desafiadora dos dilemas, complexidades e riquezas das milenares culturas islâmicas.

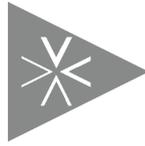
MORTENSON, Greg; RELIN, David Oliver. **A terceira xícara de chá**: a história de um homem que combateu o terror com escolas e livros no Afeganistão e no Paquistão. Traduzido por Thereza Christina Rocque da Motta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. 344 p., il.

Em 1993, um montanhista inicia o projeto de escalar o K2 no Paquistão, a segunda montanha mais alta do mundo. Após 78 dias de escalada, o norte-americano Greg Mortenson se encontra exausto, abatido e emocionalmente cansado. Ajudado por moradores de uma aldeia nas encostas do Himalaia e tocado pela brutal pobreza da região, decide dedicar sua vida a estabelecer escolas para meninas em zonas remotas da Ásia Central, principalmente na região paquistanesa e no vizinho Afeganistão. Vendendo tudo o que tinha, começa uma das campanhas humanitárias mais notáveis de nossos dias. O livro descreve a odisseia de Mortenson nos dez anos em que construiu escolas na região onde nasceu o Talibã e que serviu de refúgio para a Al-Qaeda. Recontada pelo renomado jornalista David Oliver Relin, o livro aborda a corajosa declaração de guerra às raízes do terrorismo: a pobreza e a ignorância.

GROULT, Benoîte. **Um toque na estrela**. Traduzido por Ari Roitman, Carmem Cacciaccarro. Rio de Janeiro: Record, 2008. 224 p.

Uma das mais importantes romancistas e ensaístas de sua geração, a francesa Benoitte Groult escreveu, aos 86 anos, um delicado elogio à maturidade. Com um texto sensível e inquietante, ela ilumina com sua lucidez a fobia da velhice e defende a passagem do tempo como conquista da experiência, e não perda da juventude. Um toque na estrela é uma bela reflexão sobre a vida, um texto em que a autora cria uma personagem que sente o peso da idade, mas ao mesmo tempo esbanja lucidez e bom humor.

PROSE, Francine. **A vida das musas**: nove mulheres e os artistas que elas inspiraram. Traduzido por Claudia Roquette-Pinto, Carlos Tadeu Galvão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. 528 p., il.



O que leva uma mulher à condição de musa inspiradora de gênios como Lewis Carrol, John Lennon, Sigmund Freud, Nietzsche, Rainer Maria Rilke, Man Ray, Salvador Dalí? A autora Francine Prose investiga as histórias de nove musas em *A vida das musas: nove mulheres e os artistas que elas inspiraram*, para responder à questão e elaborar um conceito de "musacidade". Todas têm em comum relações afetivas intensas, apaixonadas, explosivas, que são exploradas por Francine em pequenas e esclarecedoras biografias de Hester Thrale, Alice Lidell, Elizabeth Siddal, Lou Andréa-Salomé, Gala Dalí, Lee Miller, Charis Weston, Suzanne Farrell e Yoko Ono.

3. Livros recentemente adquiridos pelo Gabinete (temáticas diversas)

MENZIES, Gavin. **1421**: o ano em que a China descobriu o mundo. Traduzido por Ruy Jungmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 552 p., il.

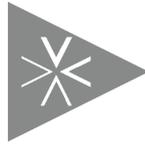
Em 8 de março de 1421, a maior esquadra jamais vista pelo mundo zarparou de sua base na China. Os navios, gigantescos juncos de quase 150 metros de comprimento, construídos com a mais selecionada madeira, eram capitaneados pelos leais almirantes eunucos do Imperador Zhu Di. Sua missão era 'seguir até os confins da terra para recolher tributos dos bárbaros de além-mar'. Sua jornada duraria mais de dois anos – os navios chineses, assim, aportaram na América 70 anos antes de Colombo, circum-navegaram o globo um século antes de Magalhães, descobriram a Antártida, chegaram à Austrália 320 anos antes de Cook e solucionaram o problema da longitude 300 anos antes dos europeus. Toda essa história vem à tona no livro *1421 – O ano em que a China descobriu o mundo*, escrito por Gavin Menzies, após longos anos de pesquisas.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O albatroz azul**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 238 p.

Vida, morte e renovação são os temas universais que se apresentam como o eixo em torno do qual se desenrola a trama deste romance. *O albatroz azul* traz a história de um homem muito velho que, apesar de detentor da sabedoria trazida por todos os seus anos de existência, ainda busca apreender algum sentido na vida.

DIDION, Joan. **O ano do pensamento mágico**. Narração de Nathalia Timberg. Rio de Janeiro: Plugme, 2008. 1 CD MP3 (7 h.), estereo.

O que fazer quando tudo o que conhecemos e amamos simplesmente deixa de existir? Conheça, na voz de Nathalia Timberg, o drama vivido pela grande escritora Joan Didion, que num curto espaço de tempo perdeu o marido e viu sua filha ficar gravemente doente. Uma história pessoal e, ao mesmo tempo, universal, que mostra a profundidade que só as grandes relações têm.



LEHANE, Dennis. **Apelo às trevas**. Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 430 p.

Patrick Kenzie e Angela Gennaro foram contratados por uma bem-sucedida psiquiatra de Boston para descobrir por que ela e o filho estão sendo intimidados pela máfia irlandesa. O caso soa arriscado, mas aparentemente simples. Certa incongruência nos fatos, porém, parece indicar a existência de uma ameaça mais profunda. A investigação se complica quando a vizinhança passa a ser palco de assassinatos cuja crueldade singular remete a crimes ocorridos vinte anos antes, no mesmo local. Patrick e Angie percebem que o psicopata pode estar bem mais próximo de suas vidas do que gostariam e mergulham num pesadelo de dor e medo que os marcará para sempre.

QUEIROZ, Eça de. **A cidade e as serras**. Narração de Gabriel Góes. São Paulo: Livro Sonoro, 2007. 1 CD MP3 (7 h.), estéreo.

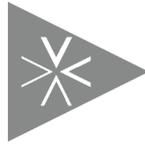
Publicado em 1901, *A cidade e as serras* é um romance denso e belo, ao longo do qual Eça de Queiróz ironiza ferrenhamente os males da civilização, fazendo elogio dos valores da natureza. Nela, o escritor relata a travessia de Jacinto de Tormes, ferrenho adepto do progresso e da civilização, do mundo civilizado repleto de comodidades provenientes do progresso tecnológico, pelo mundo natural, selvagem, primitivo e pouco confortável, mas onde encontra a felicidade, mudando radicalmente de opinião.

GIBBINS, David. **A cruzada do ouro**. Traduzido por Lea P. Zylberlicht. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. 376 p.

O experiente arqueólogo Jack Howard, de *Atlantis*, está de volta. Nas águas da Turquia, ele procura os tesouros perdidos durante as cruzadas, entre os quais uma preciosa menorá – o candelabro, que é símbolo da fé judaica – de ouro maciço. Mas o que ele descobre é algo bem diferente... Lutando contra o relógio, Jack Howard arrisca a vida para decifrar segredos que podem mudar a história.

SADE, Marquês de. **Diálogo entre um padre e um moribundo**: e outras diatribes e blasfêmias. Traduzido por Alain François, Augusto Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2009. 128 p., il. (Pérolas furiosas).

Diálogo entre um padre e um moribundo: e outras diatribes e blasfêmias, traz sete textos organizados por Contador Borges. Tais textos estão espalhados em várias obras de Sade e, em parte, já haviam sido publicados numa edição francesa organizada por Gilbert Lely, ponto de partida para a edição brasileira. Os textos enfeixam toda a base do anárquico pensamento do Marquês sobre religião, que pode ser traduzida como a inutilidade de um deus único e a hipocrisia que circunda todas as ações de todas as igrejas. As blasfêmias sadianas iniciam com



"Fantasmas", em que se fala de toda violência praticada em nome de Deus. *Diálogo entre um padre e um moribundo* argumenta sobre a inutilidade de esperar uma vida melhor e sem sofrimentos no paraíso. O argumento é retomado nos dois discursos "Da imortalidade da alma" e "Do inferno", que revela as origens filosóficas da obsessão pelos castigos físicos e a purificação por meio do fogo. A incompatibilidade das religiões com as liberdades políticas e individuais prometidas pela florescente república francesa está em "Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos". O volume se fecha com uma espécie de estatuto para um utópico clube, "A sociedade dos amigos do crime", onde seriam permitidas e incentivadas todas as perversões sexuais.

VARGAS LLOSA, Mario. **Elogio da madrasta**. Traduzido por Ari Roitman, Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009. 160 p.

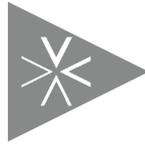
Lucrecia e Dom Rigoberto vivem em contínua felicidade. Ela, uma mulher que acaba de completar 40 anos, nada perdeu de sua elegância e sensualidade; ele, no segundo casamento, descobriu finalmente os prazeres da vida conjugal. Alfonso, filho de Dom Rigoberto, parecia ser o único empecilho; amava demais sua mãe para aceitar a chegada de uma madrasta. Mas até ele foi conquistado pelos encantos de dona Lucrecia. O amor do menino por sua madrasta, entretanto, vai muito além do que se esperaria de uma criança, criando uma linha tênue entre a paixão e a inocência, o que mudará o destino de cada um deles. *Elogio da madrasta* é uma incursão bem-humorada e sutil de Vargas Llosa na literatura erótica e, ao mesmo tempo, uma sátira bem-humorada dos mitos e temas que consagraram esse estilo literário ao longo dos séculos.

DELINSKY, Barbara. **Encontros**. Traduzido por Alexandre Tuche, Oliveira Júnior. Rio de Janeiro: Harlequin Books, 2007. 462 p.

Reunião de duas histórias sobre as mil faces do amor: "Fascínio do bronze" e "O segredo da pedra".

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Os espiões**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 142 p.

A história é uma alegoria híbrida de mitologia, humor e mistério. Ainda se curando da ressaca do final de semana, na manhã de uma terça-feira, o funcionário de uma pequena editora recebe um envelope branco, endereçado com letras de mãos trêmulas. Dentro, as primeiras páginas de um livro de confissões escrito por uma certa Ariadne, que promete contar sua história com um amante secreto e depois se suicidar. Atormentado por sonhos românticos, esse boêmio frustrado com seu casamento, e infeliz no trabalho, decide tomar uma atitude: descobrir quem é Ariadne e, se possível, salvá-la da morte anunciada. Na mitologia grega, ela ajuda Teseu a sair do labirinto. No entanto, o autor cria uma Ariadne ao contrário, que vai enfeitando o protagonista e seus amigos de bar, os espiões deste livro.



PAIVA, Marcelo Rubens. **Feliz ano velho**. Narração de Agnaldo Ribeiro. São Paulo: Audiolivro, 2007. 1 CD MP3 (4 h.), estéreo.

Publicado originalmente em 1982, a obra é um relato verdadeiro do acidente que deixou Marcelo Rubens Paiva tetraplégico, a poucos dias do Natal de 1979. Jovem paulista de classe média alta, com muitas namoradas, ele vê sua vida se transformar num pesadelo em questão de segundos. Durante um passeio com um grupo de amigos, Marcelo, de farra, resolve dar um mergulho num lago de meio metro de profundidade. Uma vértebra quebrada. O corpo não responde. Começa ali, naquele mergulho, a história de "Feliz ano velho".

DICKENS, Charles. **Uma história de Natal**. Narração de Agnaldo Ribeiro. São Paulo: Audiolivro, 2007. 1 CD MP3 (2 h.), estéreo.

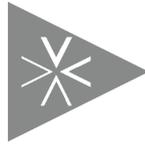
Clássico da literatura inglesa de 1843, conta a história de Scrooge, um velho pão-duro, egoísta e rabugento que se transforma após uma noite na véspera de Natal, na qual três espíritos vão visitá-lo. Espírito dos Natais Passados, Espírito do Natal Presente e Espírito dos Natais Futuros fazem Scrooge refletir sobre a vida: o que ela foi, é e será, de acordo com a conduta que temos em relação aos outros.

BENEDETTI, Ivone C. **Immaculada**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 380 p.

A obra conta a relação do advogado Francisco, filho de família rica, com Immaculada, a mulher que o ajudará a desenvolver uma carreira política. Ela aceita suas obrigações em silêncio, respondendo à pressão familiar, mas, intimamente, se rebela, atendendo aos seus desejos. Num plano mais amplo, o romance aborda a história de São Paulo das décadas de 1920 e 1930, integrando aos fatos narrados a representação das classes sociais e seus embates num período de grandes transformações políticas e econômicas do Brasil. Destaca o papel do imigrante italiano, tanto nas lavouras de café quanto no processo de modernização da cidade.

STRINDBERG, August. **Inferno**. Traduzido por Ismael Cardim. São Paulo: Editora 34, 2009. 232 p.

Misto de diário, ensaio e ficção, o texto do dramaturgo sueco August Strindberg (1849-1912) é um mergulho nos subterrâneos de seu tumultuado mundo psíquico, no qual a vontade individual parece estar submetida ao poder de forças inconscientes, que transformam o homem num brinquedo atormentado. Escrito em francês entre 1896 e 1897, em Paris, no sul da Áustria e na Suécia, é também o testemunho da mania de perseguição de Strindberg, de sua religiosidade supersticiosa, de sua misoginia e misantropia. Posfácio de Pier Paolo Pasolini.



LESKOV, Nikolai. **Lady Macbeth do distrito de Mzensk**. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2009. 96 p. (Leste).

Em *Lady Macbeth do distrito de Mzensk*, publicado em 1865 e considerado a obra-prima de Leskov, o leitor acompanha a transformação de Catierina Lvovna, a jovem e entediada esposa de um velho comerciante, em uma cruel assassina. Essa heroína fria e calculista, que pode ser vista também como um símbolo da libertação feminina em relação à opressão patriarcal, mas que em nenhum momento se arrepende das atrocidades cometidas, levou a crítica a encontrar nessa versão russa da tragédia shakespeariana aspectos mais tarde desenvolvidos pelo romance *noir* de Raymond Chandler.

GOUGAUD, Henri. **O livro dos amores**: contos da vontade dela e do desejo dele. Traduzido por Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 300 p. (Gandhara).

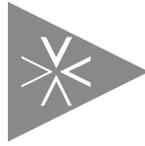
O livro dos amores compõe-se de 71 histórias de amor de vários continentes e épocas. A grande maioria delas constitui-se de mitos de diferentes povos versando sobre a origem do amor, do desejo, do sexo, dos órgãos sexuais, das relações eróticas entre homens e homens e entre homens e deuses. A outra parte é formada por contos licenciosos europeus ou árabes. Além de sua temática, essas histórias têm em comum sua origem oral: todas elas foram recontadas pelo autor do livro a partir das transcrições de antropólogos, de coletâneas de contos populares tradicionais, dos clássicos eróticos da literatura oriental e coletâneas de contos árabes. No final do livro, o autor fornece a bibliografia completa de suas fontes.

LUFT, Lya. **Mar de dentro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 130 p.

Lya Luft, romancista, poeta, tradutora e autora de sucesso, seguiu os conselhos de seu filho, que via nas histórias de infância contadas pela mãe um mundo mágico, e sugeriu que ela escrevesse um livro. Assim surgiu "Mar de dentro". Como ela mesma diz, desde pequena, ainda sem saber ler, já gostava de inventar histórias. E é essa criança que ela tenta remontar ao reunir as diversas memórias de uma infância protegida mas plena de fantasia, indagações e encantamento.

BENEDITO, Mouzar. **Meneghetti**: o gato dos telhados. São Paulo: Boitempo, 2009. 136 p., il. (Pauliceia).

Na Pauliceia de meados do século XX, Gino Meneghetti era um artista – um artista na arte de roubar. Ele chegou em São Paulo pela onda de migração dos muitos italianos que vieram ao Brasil em busca de trabalho. Esta obra apresenta o perfil desse anti-herói italiano que ganhou notoriedade por seus roubos e fugas espetaculares. Com uma linguagem irreverente, o jornalista Mouzar Benedito resgata a lendária "carreira" de Meneghetti, que foi avidamente acompanhada pela sociedade da época e gerou muitas histórias transmitidas até hoje na



capital. Conhecido por roubar somente dos ricos e por sua politização contestadora, Meneghetti fez sua fama por empreender assaltos, fugas da polícia, por suas passagens pela prisão e por protagonizar muitos "causos" na cidade no início do século XX.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Ilustrado por Luis Scafati. Traduzido por Claudia Abeling. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009. 112 p., il.

Peça-chave dentro da produção literária de Franz Kafka, *A metamorfose* é um vasto e vívido pesadelo em que gravita toda a intensidade do autor. As ilustrações do artista argentino Luis Scafati recriam os peculiares ambientes e personagens desta história, convidando o leitor a uma aventura memorável.

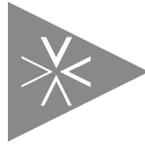
CARRIÈRE, Jean-Claude. **Meu tio**. Ilustrado por Pierre Étaix. Traduzido por Paulo Werneck. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 176 p., il.

Em *Meu tio*, o escritor e roteirista Jean-Claude Carrière partiu do filme homônimo de Jacques Tati, de 1968, para contar, em primeira pessoa, a história de um garoto de oito anos dividido entre as regras impostas por pais seduzidos pelas facilidades da vida moderna e a liberdade oferecida pelo tio Hulot, cuja falta de adaptação a esse mundo novo preserva as relações afetivas com as pessoas e a cidade.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O mistério das bolas de gude**: histórias de humanos quase invisíveis. Narração de Ricardo Vasconcelos. São Paulo: Audiolivro, 2006. 1 CD MP3 (6 h.), estéreo.

A obra *O mistério das bolas de gude*, do jornalista e escritor Gilberto Dimenstein, é resultado de um velho hábito do jornalista: flunar, andar sem destino pela cidade, descobrindo coisas... "O foco da obra nesse passeio pela cidadania, são os seres socialmente excluídos que fui encontrando no caminho de cidades como Rio, São Paulo, Recife, Nova York, Cali (Colômbia), Manaus ou Cuiabá. São traficantes de drogas, prostitutas, meninos de rua, chefes de gangues, viciados, mendigos - são personagens que, na maioria das vezes, não pertencem a nada nem a ninguém, por isso são invisíveis. Fui aprendendo que a invisibilidade é uma das piores formas de violência que existem e, assim, gera a violência." (Gilberto Dimenstein) Mistura de investigação jornalística com diário de viagem, retratando 16 anos de pesquisas sobre casos reais de pessoas excluídas da sociedade, que conseguiram criar alternativas diante do mundo apresentado.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O mundo é bárbaro**: e o que nós temos a ver com isso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. 168 p.



Escolhidas num universo de 500 textos, estas crônicas discutem a ascensão chinesa, a guerra contra o terror, a candidatura de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos e o passado e o futuro do Brasil e da América Latina. Simultaneamente, fazem um raio-x do comportamento do homem contemporâneo.

SCOTTOLINE, Lisa. **Olhe outra vez**. Traduzido por Renato Rezende. São Paulo: Globo, 2009. 432 p. (Suspense).

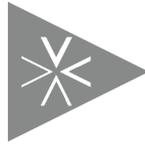
Ellen Gleeson recebe pelo correio um cartão com a foto de uma criança perdida e quase joga fora. Mas ela olha outra vez e entra em pânico: a criança da foto é idêntica ao filho que adotou legalmente. Como se estivesse vivendo um pesadelo, ela se pergunta: será que a criança da foto é o meu filho? Ellen resolve investigar e a verdade vai mudar sua vida.

BARNES, Julian. **O papagaio de Flaubert**. Traduzido por Manoel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 216 p.

Um médico inglês aposentado descobre, em dois museus distintos na França, um papagaio empalhado que teria servido de inspiração a Gustave Flaubert cem anos antes, quando escrevia sua novela *Um coração singelo*. Obcecado, sai em busca da verdade, numa viagem tumultuada ao tempo perdido. À medida que avança em sua investigação, torna-se um prisioneiro no emaranhado dos cenários, personagens e fatos mais relevantes da biografia de Flaubert. História e imaginação se confundem a tal ponto em sua mente que, pouco a pouco, a vida do escritor e a de seu leitor formam um todo indivisível. *O papagaio de Flaubert* recebeu prêmios na Inglaterra e na França.

FORSTER, E. M. **Uma passagem para a Índia**. Traduzido por Cristina Cupertino. São Paulo: Globo, 2005. 372 p.

O livro reconstitui, de maneira ficcional, aspectos da colonização inglesa na Índia e mistura o relato de viagem à análise da sociedade que se criou com a chegada dos colonizadores. Forster, no entanto, não esbarra em um problema comum a esse tipo de texto – a parcialidade – , e abre espaço no livro para uma pluralidade de pontos de vista que compõem painel bastante diversificado da Índia ocupada pelos ingleses. O livro aborda a história de uma inglesa que viaja à Índia para visitar o futuro marido. Interessada pelos hábitos dos colonizados, a mulher tenta um contato maior do que era costume entre os colonizadores, até que se vê envolvida em um crime estranho e obscuro, do qual o principal suspeito é um hindu. O episódio serve como pretexto para abordar o problema da convivência e da diferença entre as raças. No final, a autoria do crime é colocada em xeque, fazendo aflorar o preconceito e a injustiça envolvidos no relacionamento entre colonizador e colonizado.



SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Narração de Thiago Fragoso. Rio de Janeiro: Plugme, 2009. 1 CD MP3 (2 h.), estéreo.

O pequeno príncipe é um dos maiores clássicos e foi publicado pela 1ª vez em 1943. Desde então, foi traduzido para aproximadamente 160 idiomas e dialetos, e teve mais de 80 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo, tornando-se um dos livros mais lidos da história. Mais do que uma fábula infantil, trata-se de uma profunda reflexão sobre a vida e a natureza humana. O livro que toda criança deve ler na infância, e que permanece uma obra emblemática e eterna.

ONETTI, Juan Carlos. **O poço / Para uma tumba sem nome**. Traduzido por Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009. 168 p.

Esta edição traz duas novelas do uruguaio Juan Carlos Onetti. Publicado em 1939, *O poço*, livro de estreia do autor, narra a história de um homem de quarenta anos que, agonizando em um pequeno quarto, decide contar a sua vida. *Para uma tumba sem nome*, de 1959, narra o enterro e a vida de uma mulher anônima. Afinal, quais os vestígios que a vida pode deixar? São duas histórias que mostram dois momentos tão complementares quanto estranhos um ao outro.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Narração de Baltazar Honório, Lucas Britsky. São Paulo: Livrosomero, 2008. 1 CD MP3 (2 h.), estéreo.

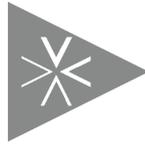
Alberto Caeiro, mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa, é conhecido pela linguagem simples, familiar e direta com que constrói seus poemas. Poeta da natureza, lança luz a todos aqueles que, por um motivo ou outro, buscam na poesia a liberdade de ver o mundo como ele é.

FONSECA, Rubem. **O seminarista**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 182 p.

Para o protagonista de *O Seminarista*, José, matar não causa remorso, mas também não causa prazer. É apenas seu trabalho que lhe permite se dedicar àquilo que realmente ama – livros, filmes e mulheres. Não quer saber quem é a pessoa que será eliminada, nem mesmo lê os jornais do dia seguinte. Quando, no entanto, decide que já é hora de abandonar a profissão, descobre que não é tão imune aos efeitos de seus trabalhos e de suas escolhas como acredita ser, e tem que enfrentar fantasmas de um passado que pensa ter superado. José recebe os serviços de uma personagem misteriosa chamada Despachante. Disposto a iniciar uma vida nova, ele começa a receber dicas de que seria alvo de um antigo cliente.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Sexo na cabeça**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 152 p.

Combinando humor e sexo, este livro traz uma seleção das melhores histórias de Luis Fernando Verissimo sobre o assunto que mobiliza e esquenta multidões. Como um *voyeur* da nossa vida



privada, ele revela os fetiches que alimentam as grandes paixões, o delicioso jogo da sedução. Em 45 crônicas, com abordagens divertidas e excitantes sobre o tema, o livro vai das gostosas brigas do início do namoro à ousadia da trissexualidade, dos códigos da relação a dois ao amor internauta, nos revelando os segredos de alcova dos tempos modernos.

ADIGA, Aravind. **O tigre branco**. Traduzido por Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 264 p.

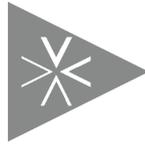
Numa história irônica e divertida, o protagonista de *O Tigre Branco* relata o trajeto bastante inusitado que percorreu para subir na vida e conseguir se tornar alguém importante no cenário indiano: assassinar seu patrão. Balram Halwai, o narrador do romance de estreia do jornalista indiano Aravind Adiga, em cartas dirigidas ao primeiro-ministro chinês, justifica seu crime classificando-o como um ato de empreendedorismo. No entanto, a carta de Balram vai muito além disso. Nela, um narrador desbocado, nem de longe politicamente correto, sem qualquer pudor, faz críticas mordazes às relações humanas – especialmente entre ricos e pobres –, aos princípios morais e à organização da sociedade de seu país e do mundo contemporâneo. Romance vencedor do Man Booker Prize 2008, um dos mais prestigiosos prêmios literários do mundo.

COELHO, Paulo. **O vencedor está só**. Narração de Antonio Fagundes. Rio de Janeiro: Plume, 2008. 1 CD MP3 (13 h.), estéreo.

O vencedor está só é, segundo Paulo Coelho, uma fotografia do mundo em que vivemos. A ação se passa em 24 horas, durante o Festival de Cinema de Cannes. Produtores, atores consagrados, candidatas a atriz, *top models*, estilistas e um assassino em série movimentam-se nos bastidores da festa – um retrato da Superclasse, a elite que define os rumos de nossos dias. Através da narração de Antonio Fagundes, você vai conhecer detalhes de como vivem e se comportam personagens baseadas na vida real. O autor faz de seu romance um testemunho da crise de valores de um universo centrado nas aparências.

SCHULZE, Ingo. **Vidas novas**. Traduzido por Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 752 p.

Este romance traz um jogo literário de ficção e realidade para traçar um extraordinário painel da época da queda do Muro de Berlim. Schulze, que no livro encarna o personagem de um editor, organiza a correspondência do protagonista Enrico Turner com a irmã Vera, o amigo de infância Johann e a fotógrafa Nicoletta Hansen, que vivem na Alemanha Ocidental. Enrico, que mora no lado socialista e quer ser escritor, troca seus sonhos literários pela fundação de um império jornalístico. Nas cartas, escritas entre janeiro e julho de 1990, o leitor acompanha os processos de uma nova realidade social, desencadeados pelas mudanças históricas.



BENET, Juan. **Você nunca chegará a nada**. Traduzido por Maria Alzira Brum Lemos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. 252 p. (Sabor literário).

Você nunca chegará a nada (1961), do consagrado escritor espanhol Juan Benet, compõe-se de quatro contos: em cada um deles, estão presentes os temas da ruína e da destruição física e moral – porém, trazendo em si uma ponta de esperança. A destruição já fora tema conhecido da vida do autor: Juan Benet foi criado em meio à Guerra Civil Espanhola, num ambiente de hostilidades, mortes e destruição. Todos os contos partem de um sentimento hostil para trazer, sutilmente, algo que parece brotar em seus personagens como que fruto daquele ambiente de destruição e morte. Eles respiram o tédio, mas habita neles "uma necessidade urgente de paixão".

RODRIGUES, Paulo. **As vozes do sótão**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 144 p.

Este breve romance, traz a história do alfaiate Damiano, e uma voz, que o faz conhecer o ódio e, de maneira alucinada, ruminar o passado e ser acusado de um misterioso ato de violência. Narrada de maneira tortuosa, a trama é entrecortada por trechos de anotações feitas pela personagem numa espécie de diário, em que Damiano conta a própria história como se fosse outro homem, chamado Guido, potencializando as incertezas da trama. *As vozes do sótão*, terceiro livro de Paulo Rodrigues, confirma o lugar de destaque que o escritor paulistano ocupa no atual panorama da literatura brasileira.